

AS ATAS OFICIAIS DE MILÃO (1880) E A NECESSÁRIA REESCRITA DA HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Eliane Telles de Bruim Vieira - UFES¹

José Raimundo Rodrigues - UFES²

Katiuscia Gomes Barbosa Olmo - UFES³

Lucyenne Matos da Costa Vieira Machado - UFES⁴

Eixo Temático 2: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas

RESUMO

O Congresso de Milão (1880) permanece como marco histórico na educação de surdos. No Brasil se popularizaram narrativas sobre o evento em que se repetem informações sem o devido acesso às fontes. Como o texto das atas oficiais, redigidas em italiano pelo professor Pasquale Fornari e, por ele mesmo, traduzidas para o francês, não foram publicadas em língua portuguesa, acessar tais documentos é um convite a reescrever a história das práticas de educação de surdos. Temos como objetivo geral, analisar as atas oficiais do Congresso de Milão e suas implicações nas práticas da educação de surdos, e, servindo-nos de interlocuções com os conceitos-ferramentas foucaultianos de verdade e práticas, ousamos propor pistas para uma possível reescrita desta história a partir do contato com o texto elaborado por Fornari. Acreditamos que tais atas subsidiam uma perspectiva outra de abordagem da questão das práticas, desconstruindo a narrativa hegemônica que tem em Milão um congresso monolítico e nos permite entrever incidências em questões atuais na educação de surdos. Ao se propor uma reescrita não nos arvoramos em detentores de uma nova verdade, mas problematizamos a partir de Fornari outras formas de se compreender o evento italiano.

PALAVRAS-CHAVE: Congresso de Milão; História da educação de surdos; Práticas; Verdades.

¹ Licenciada em História pela UFES; mestrado em Educação pelo PPGE-UFES; doutoranda em Educação pelo PPGE-UFES na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. ebruim@yahoo.com.br

² Licenciado em Filosofia pela PUC-MG; mestrado em Educação pelo PPGE-UFES; doutorando em Educação pelo PPGE-UFES na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. jrrzenga@yahoo.com.br

³ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração; bacharel em Letras-Libras pela UFSC; mestrado em Educação pelo PPGE-UFES; doutoranda em Educação pelo PPGE-UFES na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. katiusciaolmo@gmail.com

⁴ Licenciada em Pedagogia pela UFES; mestrado e doutorado em Educação pelo PPGE-UFES; pós-doutorado em Educação pela UNISINOS; docente. lumatosvieiramachado@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

“Congresso de Milão (1880)”! A simples menção a este evento parece evocar sentimentos diversos, mas confluentes. No Brasil, Milão é narrado continuamente como acontecimento que permitiu a extinção da língua de sinais, um encontro que massacrou a comunidade surda, o marco do oralismo mundial. Poderíamos, ao ler as atas oficiais do evento, confirmar tais ideias?

Neste artigo apresentamos nossas impressões no contato com os registros feitos pelo secretário oficial do *Congresso para melhoramento da condição dos surdos-mudos* ocorrido de 06 a 11 de setembro de 1880, o professor Pasquale Fornari. Partindo do referencial teórico foucaultiano nos colocamos como leitores das atas enquanto documento-monumento que nos permitem não reproduzir uma história, mas mergulhar em seus meandros.

Desejamos levantar elementos que permitam uma reescrita da história da educação de surdos, especificamente, no que se refere a Milão, ou ao menos, levantar uma série de questionamentos que favoreçam a sua problematização. Distanciarmo-nos de uma historiografia positivista e com Foucault, tendo o *a priori* histórico nos dispomos a rever nossos próprios pensamentos no diálogo com um texto centenário.

1.1 JUSTIFICATIVA

Dentre os estudiosos da história da educação de surdos no Brasil, dentre os estudantes de Letras-Libras, nas associações de surdos, nos grupos de intérpretes, nos cursos populares de Libras (Língua Brasileira de Sinais), o Congresso de Milão figura como evento catastrófico para a comunidade surda e culpado pelo apagamento da língua de sinais durante 80 anos. Tal narrativa, que facilmente opõe maniqueisticamente surdos e ouvintes, transporta para o passado determinadas visões de algumas décadas do final do século XX, reproduz acriticamente informações e mostra um descuido metodológico grave relacionado à historiografia.

O Congresso de Milão, embora muito mencionado, é ainda um evento desconhecido. No Brasil, o relatório de Arthur Kinsey, publicado sob o título de *Atas de Milão*⁵ conduz a um grande equívoco que é o de tomar a parte pelo todo, pois tal relatório, extremamente sucinto é apenas a compilação feita pelo autor das anotações da secretaria anglofônica do evento. Outros relatórios foram feitos paralelamente pelas secretarias de língua francesa, italiana e alemã. Entretanto, mesmo a tradução de Kinsey não é conhecida por aqueles que propalam uma determinada história hegemônica da educação de surdos.

⁵ Publicado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) na sua Série Histórica, V. 2, 2011.

Tem-se, portanto, que o evento italiano é popularizado sem que sequer se tenha sido lido o texto traduzido e disponibilizado gratuitamente a nível nacional. Mas, consideramos, que mesmo se tal leitura houvesse se dado, o equívoco não seria menor.

O acesso às atas oficiais do evento, redigidas por Pasquale Fornari nos permitiu perspectivar Milão desde outros pontos. Depois o processo de tradução da obra nos fez alçar ainda mais na percepção de que há uma história a ser reescrita por uma fidelidade não a um evento, mas para se problematizar o que dizemos e o que permitimos que se fizesse com o que foi e é dito. A narrativa hegemônica também possibilitou subjetivações e práticas a partir de uma dada verdade que ora ousamos colocar em xeque.

Portanto, as atas oficiais - não apenas por serem os documentos oficiais do evento -, mas por nos oferecerem o acesso aos registros do que foi dito e realizado naqueles dias de setembro de 1880, exigem uma leitura compreensiva que escape às polarizações e que vislumbre esboçar a grade de inteligibilidade que permitiu a constituição do evento, bem como de uma verdade, e das práticas de educação de surdos que nele se consolidaram e depois dele foram disseminadas.

1.2 OBJETIVOS

Considerando a justificativa acima exposta, temos como objetivo geral analisar as atas oficiais do Congresso de Milão, redigidas por Fornari, e suas implicações nas práticas da educação de surdos. Os objetivos específicos que nos orientaram foram: identificar na leitura/tradução das atas oficiais as práticas de educação de surdos propostas no evento; discutir a constituição de uma verdade em torno do método oral puro e problematizar a possibilidade outra de uma história da educação de surdos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O filósofo francês Michel Foucault permite-nos uma análise dos documentos desde uma perspectiva arqueogenealógica, ou seja, não tomamos os textos do passado como uma materialidade positivista a nos dizer uma verdade asséptica, mas sim deles nos aproximamos para perscrutar os veios pouco percebidos, as trilhas não discutidas, as regularidades que permitem num dado momento a constituição de uma mudança nas práticas.

Foucault nos indica que o *a priori* histórico é o único a não ser deixado de lado em qualquer investigação. Tendo este pressuposto nos dirigimos ao texto das atas como quem acessa um documento-monumento, penetrando em suas linhas e entrelinhas com o desejo de colocar em suspensão o que já sabíamos e permitindo-nos agir como leitores que não sabem ler para num processo de estranhamento ao que parece familiar, deixarmo-nos mover pelo texto.

A educação, os surdos, a língua de sinais, a educação de surdos narrada e visualizada a partir das produções, das verdades sobre o Congresso de Milão, sempre nos foram familiares. O familiar, por muitas vezes nos dá uma falsa sensação de domínio, e isso é um risco... no familiar, o perigo está na indiferença, na inércia, na apatia, produzidas na familiaridade. O interesse pelos textos, não traduzidos, sobre o congresso se trama a partir do familiar. Para não arriscar à indiferença, a inércia, a apatia queremos provocar o exótico no familiar. O familiar passando a nos tornar estranho e, é esse estranhamento que nos inquieta, que nos perturba, que, por senti-lo, tão perto/tão distante, nos agita e nos provoca. “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto, conhecido” (VELHO, 1978, p. 126).

A escolha por propor uma reescrita da problematização a partir de Fornari nos oportuniza outras formas de se compreender o evento Congresso de Milão, apesar de nossa familiaridade para com o campo de investigação - e com o necessário estranhamento que a pesquisa nos exige. Assim, por querer fazer aquilo que nos é habitual, quisemos permitir-nos estranhar, perceber no corriqueiro, no comum, "o incomum". Logo, convidamos a pensar, repensar, a história, o acontecimento, as verdades, as narrativas, as mesmidade, para “liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente e permitir-lhe pensar diferentemente” (FOUCAULT, 1990b, p. 14).

A própria experiência de si não é senão o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem as verdades do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (LARROSA, 1994, p. 43).

3 REVISÃO DE LITERATURA

Para dar embasamento a esta pesquisa, recorreremos as atas oficiais do Congresso de Milão redigidas pelo professor do Instituto Real de Surdos-mudos de Milão e Secretário Geral do Congresso. É um documento com mais de 500 páginas, onde são incluídas as atas de Milão, desde as correspondências da organização do evento, sua abertura, passando pelas oito sessões e o encerramento. No apêndice estão os textos apresentados no evento. É um documento muito rico em detalhes, que ao fazermos uma leitura minuciosa, é possível termos uma percepção da grandiosidade de Milão, com suas deliberações a respeito da instrução dos surdos-mudos, quais métodos foram mencionados, quem teve uma participação de destaque ou não. É o único documento que apresenta a lista dos participantes e a partir dela, após uma pesquisa minuciosa, é possível identificar os surdos que estiveram presentes.

Vieira e Rodrigues (2019), ao relerem Milão, entendem que apesar de ser considerado um monumento na história da educação de surdos, é possível

encontrar novas problematizações a partir de uma análise minuciosa dos documentos. Ambos objetivaram problematizar de que forma as bases religiosas e filosóficas da época, aliadas a outros elementos práticos, permitiram normatizar o melhor método para a educação de surdos.

Não há trabalhos em língua portuguesa que tenham analisado o texto de Fornari. Assim, o que é citado sobre Milão, mesmo em teses e dissertações, geralmente, se baseia no relatório de Kinsey que foi traduzido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Apesar de o texto de Fornari estar disponível para download na internet, tanto em sua versão italiana quanto francesa, parece ter sofrido de um preconceito que impediu a aproximação de pesquisadores brasileiros, contribuindo para que o evento permanecesse como o mais trágico para a comunidade surda.

4 MÉTODO

Seguindo a linha do pensamento foucaultiano, fazer uma crítica ao documento é interrogá-lo do ponto de vista interno e externo. Dito de outro modo, a história deve ser compreendida a partir das transformações que as sociedades passam, como Foucault afirma:

Digamos, para resumir, que a história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto (FOUCAULT, 2008, p. 8).

A história, na atualidade, ao fazer a reconstituição do passado e ao analisar os documentos em monumentos com profundidade, possibilita, por meio dos rastros deixados pelo homem, conhecer dados que foram deixados de lado pela história tradicional.

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de outra coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um "outro discurso" mais oculto. Recusa-se a ser "alegórica" (FOUCAULT, 2008, p. 157).

Portanto, ao considerar o texto de Fornari como um documento-monumento nos dispomos a acolhê-lo como investigadores. Sua leitura é um ato em si de

problematização e uma forma de reverberar o que o próprio texto tem a nos questionar sobre o que afirmamos sobre Milão. Desta maneira, texto e pesquisadores estabelecem um novo processo de diálogo que não tem por finalidade decifrar uma nova verdade ou, numa pretensão positivista, impor uma verdade. Estamos atentos, ao contrário, às positivities que se apresentam no texto como reveladoras de continuidades, de regularidades discursivas, gerando uma unidade constituidora da possibilidade de verdades.

Para Foucault (2008, p. 203):

Analisar positivities é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas. Os elementos assim formados não constituem uma ciência, com uma estrutura de idealidade definida; seu sistema de relações é, certamente, menos estrito; mas não são, tampouco, conhecimentos acumulados uns ao lado dos outros, vindos de experiências, de tradições ou de descobertas heterogêneas e ligados somente pela identidade do sujeito que os detém. Eles são a base a partir da qual se constroem proposições coerentes (ou não), se desenvolvem descrições mais ou menos exatas, se efetuam verificações, se desdobram teorias. Formam o antecedente do que se revelará e funcionará com um conhecimento ou uma ilusão, uma verdade admitida ou um erro denunciado, uma aquisição definitiva ou um obstáculo superado.

5 DISCUSSÃO

Ao analisarmos o texto oficial do Congresso de Milão fica evidente que estamos lidando com um documento-monumento desconhecido. Fala-se muito sobre o evento, mas o seu texto não se popularizou. O que pode ter conduzido à essa postura? Teria sido o fato de ao se desejar manifestar resistência a Milão optou-se por não se ler os seus registros? Teria o trauma tão propalado acerca de Milão fundamentos em seus registros oficiais?

A primeira reação que nos toma é de pasmo. Ficamos perplexos frente ao volume de páginas escritas por Fornari como registro de Milão. Na sua condição de secretário oficial e, conforme ele mesmo nos apresenta, ajudado por estenógrafos, pelos textos cedidos por oradores que se apresentaram, por anotações, Fornari se dispôs a fazer um registro bastante profundo do evento, demonstrando um desejo de retratar no escrito a atmosfera daquela reunião, os debates, os estudos apresentados (FORNARI, 1881). Ler o texto de Fornari é nos colocar na complexidade das Atas de um congresso que não pode ser empobrecido sob o pretexto de que ocasionou grande mal à comunidade surda, nem reduzido a um embate entre método oral puro e línguas de sinais. Ler as atas oficiais é possibilitar que Milão se deixe problematizar.

As visões preconcebidas sobre Milão rondam-nos como fantasmas, por vezes, nos fazendo ler o que Fornari não nos informa, exigindo de nós uma leitura que

ultrapasse a simples tradução, mas uma leitura que nos coloque nos meandros do texto. Fornari nos escreve com a linguagem típica do final do século XIX, tornando, em alguns momentos o texto difícil, sinuoso. Ultrapassada também essa barreira encontramos em meio a discussões acaloradas, prenhes de vida, extremamente motivadas pelo desejo de se sanar uma deficiência percebida nas pessoas surdas. O fluxo das páginas de Fornari vai nos delineando como Milão foi uma grande “ópera”, sua organização impecável, pensada nos mínimos detalhes, sugere que a escolha da cidade não foi aleatória, mas uma iniciativa que tinha por finalidade colocar os congressistas em contato com dois institutos onde o método oral era praticado. A carta convite bem como a solicitação de uma estatística sobre os surdos demonstra que não se trataria de um congresso teórico, mas sobretudo um espaço em que a partir de dados coletados se poderia inferir o que seria tido como melhor para os surdos. Repare no nome do congresso que inclui o termo “melhoramento” dos surdos.

Fornari nos brinda com diversos elementos até então olvidados. Quem participou do evento? Todos podiam votar? Havia surdos ali? A lista de congressistas apresentada por Fornari nos mostra duas grandes categorias de participantes: membros efetivos, com direito a voto; e membros honorários, sem direito a voto, mas que poderiam ser consultados em caso de empate numa discussão ou que, graças à suas experiências, poderiam ser convocados a dirimir alguma questão. Majoritariamente os participantes são religiosos e religiosas que trabalham como diretores(as) ou professores(as) em instituições que cuidam de surdos. O restante dos congressistas se divide em profissionais de outras áreas, como medicina, políticos, jornalistas.

Em meio a esse grupo figuram quatro surdos: Claudius Forestier; Felice Carbonera; James Denison; Joseph Theobald. Carbonera é apresentado como surdo-falante e tem sua carta lida no evento, distinguindo-se dos demais que, apesar de terem direito a voto, não são apresentados por Fornari como congressistas que se posicionaram publicamente ao longo das discussões. Qual o motivo deste silêncio? Parece-nos simples responder, eram três surdos em meio a 250 ouvintes de diversas nacionalidades, que nem sequer entre eles por vezes se entendiam, devido às diferenças de idiomas e dificuldades terminológicas. Ao não se aproximar do texto de Fornari corremos o risco de apagar essa participação dos surdos e invisibilizar o que vivenciaram.

Fornari também nos presenteia com o programa de testes públicos que seriam realizados nos dois institutos antes mesmo de oficialmente se iniciar o congresso e as exibições que sucederiam ao encerramento. O Dr. Auguste Zucchi fala sobre o contexto destes testes:

[...] eu acrescentaria que os professores e mestres de nossas escolas aceitaram com a melhor graça possível estender seu trabalho anual para esperar por vós e apresentar seus alunos; que, mesmo as famílias, impacientes para rever suas crianças no fim do outono,

preferiram o bem da causa comum à satisfação de seu carinho [...] (FORNARI, 1881, p. 83 - tradução nossa)

Evidencia nisso o quanto a programação de Milão tinha por finalidade conduzir os participantes a uma adesão ao método oral, mas sem nenhuma mecanismo coercitivo e sim pelo contato com a experiência de outros, pela visibilidade de “sucessos” do emprego do método, pela oratória que encontraria nas sagradas escrituras católicas, especialmente nos evangelhos, a exigência de uma lenitivo para os surdos. Fornari nos mostra como essa condução foi coerente a ponto de a suspensão de uma discussão se transformar no momento oportuno de se refazer aliados para o método oral.

Apesar de termos falado de método oral no parágrafo anterior, Fornari nos coloca diante de uma variedade de práticas metodológicas, inclusive, com nomenclaturas que nem sempre são aceitas por todos. Há uma séria discussão sobre a nacionalidade dos métodos, mostrando que o embate entre o abade L'Épée e seu opositor alemão Samuel Heinicke ainda reverberava quase um século depois. Fornari nos mostra que não havia uma língua de sinais no singular, mas línguas de sinais, com variações dependendo do país. Exemplifica isso a fala de Ricordi:

A palavra mímica e a palavra *signi* não têm um significado igual, porque quando digo mímica eu entendo a linguagem metódica de sinais, que se refere exclusivamente ao sistema francês propriamente dito, enquanto que dizer em geral “*i signi*” eu corro o risco de englobar também os sinais naturais. Por isso, pergunto qual é o valor da palavra *signi*, que está na redação proposta (FORNARI, 1881, p. 144 - tradução nossa).

Recordemos que por Fornari temos a grata surpresa de conhecer um congresso ocorrido no ano anterior e que é ainda mais desconhecido: *Primeiro Congresso Nacional para o melhoramento da condição dos surdos-mudos*, ocorrido em Lyon. Neste congresso, embora com participação reduzida, foi deliberado que os sinais serviriam de apoio para o método de articulação. Método este que já se fazia presente em várias instituições na Europa e que ganhará em Milão uma autorização e *status* de melhor método para a educação de surdos.

Assim em Milão também estavam em jogo métodos diversos que defendiam o uso de sinais, seja como único método, seja como auxiliar, seja como paralelo ao processo de articulação. Portanto, Fornari nos sugere avançar para além da simples oposição surdos versus ouvinte, ou língua de sinais versus articulação. Em Milão estavam em movimento tensões contínuas numa batalha em que a “palavra” sai vitoriosa às custas de muito uso das palavras, conforme podemos constatar no discurso de Bouchet: “Toda ideia, todo sentimento é expresso pela palavra; viva a palavra! Mas alguns dizem: ‘Podemos educar os surdos-mudos apenas pela palavra?’ Sim, eu vi e me declaro convertido” (FORNARI, 1881, p. 124 - tradução nossa).

As sessões registradas por Fornari nos fazem compreender que Milão foi de fato um evento em que se primou por um rigor metodológico, que houve uma discussão em que opositores e defensores se contrapunham, argumentavam, mas a “ópera” estava destinada a um único desfecho. Desde o convite, a escolha dos convidados, o tempo cedido a alguns oradores, a verve do presidente do congresso, abade Tarra, tudo apontava para uma supremacia do método oral, mas não sem várias resistências.

Poder analisar as atas de Fornari é sentir-se provocado a reescrever uma história. Não sob o pretexto de que temos uma verdade a ser agora divulgada e se negar tudo o que até hoje se mencionou sobre o evento. Mas reescrever uma história como convite a partilhar o que dessas páginas nos permite problematizar nosso próprio modo de olhar um documento, nossa capacidade de ressignificar momentos da história e neles ver potenciais antes desconhecidos ou descurados por não termos de Fornari nos aproximado.

6 RESULTADOS

Nossa pesquisa nos mostra o quanto a leitura das atas oficiais permite esboçar uma narrativa outra sobre Milão. Não pretendemos, em hipótese alguma, defender uma reabilitação de Milão. Todavia, as atas nos sugerem que velhos antagonismos lançados sobre o texto são anacrônicos. Milão não foi um evento em que passivamente e pacificamente se deu a escolha do método oral, lá batizado como “puro”, ou seja, isento de qualquer aproximação com o uso de sinais. Por isso, fazem-se necessárias leituras sobre as atas com o objetivo de perscrutar inúmeras questões que podem nos conduzir a olhar Milão ainda com mais criticidade, mas longe de meros maniqueísmos.

Aprendemos com as atas de Fornari a servir-nos da oficialidade para discutir a narrativa hegemônica. O simples fato de serem textos oficiais, possivelmente, demonstra que houve também ali naquela escrita, na seleção de termos, uma intencionalidade; pois, dela nos aproximamos para arriscar colocar em debate a condição de Milão como único grande evento acerca da educação de surdos. Não negamos seus impactos, sua envergadura, mas, pelo próprio texto do evento somos conduzidos a pensar em outros eventos como os congressos de Paris (1878) e Lyon (1879) e Bruxelas (1881), sem contar os congressos organizados por surdos como clara resistência às deliberações de Milão: Paris (1879); Chicago (1893); Genebra (1896); Dijon (1898); Paris (1900 - Seção dos Surdos).

O texto de Fornari nos exige retirar as camadas de apagamento para perspectar Milão desde outros ângulos. Que camadas seriam essas? Por exemplo, aquelas que nos fizeram repetir por anos uma narrativa sem nos conduzir aos documentos, enquanto fontes, que poderiam nos fazer aprofundar Milão. Aquelas que pela pretensão de tudo conhecer obscurecem nossa racionalidade e nos faz pensar tão somente no presente sem perceber as

regularidades que nos mantém muito próximos apesar da distância sugerida pela datação temporal. Aquelas que pela defesa extremada das línguas de sinais se opõem à simples menção de Milão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lacuna gerada pela ausência de uma tradução das Atas de Fornari - em breve a ser sanada pela tradução coordenada pelo GIPLES-UFES -, certamente, relegou Milão à condição de evento muito mencionado, mas pouco conhecido, reduzindo-o a algo que não representa o conjunto mais complexo do congresso. Entretanto, causa-nos estranhamento que até recentemente, algumas publicações se referissem ao texto do relatório de Kinsey como se fossem as atas oficiais do evento e também o fato de várias afirmações sobre Milão serem feitas sem a devida investigação das fontes disponíveis.

A história da educação de surdos, da forma como a narramos em solo brasileiro, carece de uma séria revisão que possa problematizar outras questões negligenciadas e que as atas oficiais de Fornari nos fazem confrontar. Reescrever a história não significa anular o que até hoje se fez nem negar a relevância de pesquisas anteriores. Entretanto, exige revê-las com o desejo de que a complexidade do texto de Fornari alente outras discussões.

O acesso ao texto de Fornari nos faz pensar na condição flexível da historiografia e as possibilidades de sua reescrita. A história não deve ser pensada sob parâmetros fixistas de cunho positivista, mas como narrativa a ser constantemente colocada em suspenso, permitindo confluência de narrativas que a, despeito do desejo de se definir uma verdade, opta por perceber a diversidade de verdades que não necessariamente estão em conflito, mas que mostram a riqueza de um documento, de um monumento como no caso do Congresso de Milão.

Contra todo o desejo de consensos, de organização, de domínio retilíneo, de uma narrativa hegemônica a ser perpetuada, uma reescrita da história da educação de surdos nos aponta para necessários desvios, linhas de fuga, contradições, equívocos, ambiguidades, coexistências, até mesmo, percepção de certo caos. Essa história real que pode ser narrada pelo desejo de tornar acessível aos surdos e também a todos os que se dedicam à educação de surdos uma fundamentação histórica que subsidie suas pesquisas.

Apenas a título de provocação, ler Fornari nos evoca o quanto até hoje as línguas de sinais permanecem como língua instrumental ou língua de apoio para o aprendizado da língua escrita dominante de um país. Assim, o que hoje nominamos como bilinguismo parece esticar suas raízes séculos atrás e numa dobra crítica nos lança em face o quanto ainda não conseguimos pensar uma escola em que a língua de sinais seja assumida com toda a sua potencialidade e não apenas com suas funcionalidades.

Um texto, devido à sua polissemia, mesmo que extremamente conhecido e divulgado reserva ainda muito a ser explorado, pois se constitui como peça viva a dialogar com os leitores. As atas oficiais de Fornari não podem ser vítimas de um preconceito que faz os leitores delas se afastarem como se já dominassem em profundidade o que ali se nos apresenta. O texto de Fornari está prenhe de vida e a espera de interlocutores para desbravar outros sentidos, novas perspectivas, ulteriores problemas; está à expectativa para dialogar com nossa realidade desde seus 140 anos para que nos coloquemos sempre desejosos por novas problematizações ao ouvirmos “Congresso de Milão (1880)!”.

REFERÊNCIAS

FORNARI, P. **Compte-rendu du Congrès International pour l'amélioration du sort des sourds-muets tenu à Milan du 6 au 11 septembre 1880**. Rome: Héritiers Botta, 1881.

_____. **Atti dei Congresso Internazionale pel Miglioramento della sorte dei sordomuti tenuto in Milano dal 6 all'11 di settembre 1880**. Roma: Eredi Botta, 1881.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HUGENTOBLER, Jacques; La ROCHELLE, Ernest. 1er Congrès National pour L'Amelioration du sort des sourds-muets (réuni à Lyon, les 22, 23 et 24 septembre 1879). **Revue Internationale de l'enseignement des sourds-muets**, Paris, Tomo I, 1885, p. 188-195; 222-226.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (Org.). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-47.